

CALAMIDADE NO RS

Moradores em alerta por riscos de desmoronamentos

Dário Gonçalves

dario.goncalves@gruposinos.com.br

Desde a noite de domingo (12), a Defesa Civil de Novo Hamburgo tem alertado moradores das partes altas dos bairros Kephas, São José e Diehl sobre riscos de deslizamentos. As localidades ficam em áreas de encostas de morro, o que faz com que as chances de desmoronamentos por conta das constantes chuvas sejam maiores. Contudo, até a noite desta segunda-feira (13), nenhum grande deslizamento ocorreu.

De acordo com o coordenador da Defesa Civil de Novo Hamburgo, Claudiomiro da Fonseca, dois engenheiros e um geólogo da Prefeitura percorreram os bairros e, felizmente, não encontraram nenhuma área de risco iminente. “Isso não quer dizer que não exista, mas não foi percebido por nós nem pelos moradores. Porém, toda essa área dos bairros, desde a invasão próxima à Fevale, passando por trás da escola Eugênio Nelson Ritzel, depois pela Rua Arthur Momberger, é de alerta”, comenta.

Fonseca também estima que mais de 500 famílias vivem nesta área, e que todos devem ficar alerta aos sinais, como rachaduras no solo ou nas paredes, árvores que comecem a tombar, entre outras situações que fujam da normalidade. “Se desconfiar de qualquer coisa, contate imediatamente a Defesa Civil, os Bombeiros, e busquem um lugar seguro”, finaliza.

“Não vou esperar”

Moradora da Rua Jacob Gerhardt, bairro Diehl, há 44 anos, Maria Madalena Gomes Schafer, de 65 anos, pela primeira vez sentiu o medo de ficar em casa. Tanto é que decidiu passar essa noite longe do bairro. Ela separou roupas, documentos, itens de higiene pessoal e remédios e decidiu buscar abrigo na casa do irmão, Paulo Ricardo Gomes, 62, que mora no Centro.

“Tenho um filho que não mora mais aqui, que me disse que não preciso ficar com



Adelino convive com o medo de quedas de árvores

medo, mas não é a vida dele que está em jogo. Eu prefiro sair agora e voltar em segurança, do que esperar para ver, não vou esperar a tragédia acontecer”, relata a moradora.

Paulo visitou a família ontem para oferecer abrigo seguro. “Com os anos, foram feitas muitas construções mal planejadas, com lajes sobre o solo para dar sustentação, e isso pode infiltrar água e causar um deslizamento”, comenta.

O desejo de ambos, é claro, é que nada ocorra, mas até que se sintam em segurança, preferem ficar em local seguro.

A vizinha Simone Silva da Costa, 42, mora com o filho Henrique Gabriel Robaski, 13. Foi ela quem alertou Madalena sobre os avisos da Defesa Civil. Ainda no domingo, ela saiu de casa. “Minha preocupação é o desmoronamento, porque a minha casa é muito perto do morro, tenho meu filho pequeno e sai para nos proteger”, explica.

Entre as preocupações, estão duas árvores em frente à casa com risco de queda e que já causaram rachaduras no muro e nas paredes de casa. Em 2021, protocolou junto à Prefeitura um pedido para que as duas fossem cortadas, mas até o momento isso não aconteceu. “Só vou voltar quando passar a chuva e tudo estiver bem”, finaliza Simone.

FOTOS DÁRIO GONÇALVES/GES-ESPECIAL



Paulo vai receber a irmã, Maria Madalena

Trecho bloqueado por tempo indeterminado

Devido à possibilidade de novos deslizamentos, o sentido do Centro para o bairro da Avenida Victor Hugo Kunz, entre as ruas Frederico Mentz e a General Daltro Filho, bairro Hamburgo Velho, está bloqueado para o trânsito de veículos por tempo indeterminado.

A medida foi adotada após análise da Secretaria de Obras e Corpo de Bombeiros, que detectou risco de nova movimentação de massa no local, após deslizamento no trecho ocorrido no fim de semana. Para desafogar



“Se eu sair, vou para onde?”

Enquanto uns deixam suas casas, outros ainda vivem a aflição de ficar – e esperar. Adelino Luis da Cruz, 64 anos, vive com um gato e um cachorro na Rua Diamante, Vila Diehl. Sua casa fica bem próxima à via, construída em uma encosta de morro. “Se eu sair, vou para onde? Também tenho meus animais. Eu tenho, ou melhor, tinha, uma casa no bairro Campina, em São Leopoldo, e pretendia ir para lá, mas foi tomada pela água”, explica. O maior medo dele são as árvores. Na madrugada de segunda, ouviu barulhos e não conseguiu mais dormir.

Já na rua Germano Gerhardt, na Vila Redentora, bairro São Jorge, Leandro Rocha, 45, e Geovane Maciel, 40, observam na própria água os sinais que indiquem algo que esteja errado. “Essa água sempre corre por aqui, vinda do morro. Enquanto ela está assim, limpa, a gente tá tranquilo. A preocupação vem se ela começar a vir barrenta, porque significa que em algum lugar desmoronou”, observa Leandro.

o trânsito no bairro Hamburgo Velho, uma rota alternativa para o bairro Canudos é a Rua Sapiiranga e a Avenida Bartolomeu de Gusmão.

“Apenas com o tempo seco a equipe conseguirá realizar um diagnóstico mais detalhado e sugerir ações para mitigar o problema”, detalha a secretária Greyce da Luz.



Mais sobre a enchente em abcm.com.br/tempestade



Salette retirou de casa as coisas que sobraram

Limpeza em meio ao receio de novos alagamentos

Laura Rolim

laura.rolim@gruposinos.com.br

O alto nível do Rio dos Sinos e o grande volume de chuva registrado no fim de semana fizeram com que a Prefeitura também começasse ainda no domingo a alertar a população sobre o cenário de risco, com aumento da enchente.

Nos bairros Canudos e Santo Afonso, um carro de som percorreu as ruas alertando sobre o nível do Rio dos Sinos, que voltou a subir. Na medição das 13 horas de ontem, o nível estava em 7,31 metros, revertendo a tendência de redução que se via no sábado, quando desceu aos 6,55 metros.

Moradores que já haviam começado a limpeza do que sobrou da enchente no bairro Canudos, estão com medo.

Na Rua Rio Grande do Sul e na Bruno Werner Storck, onde a enchente alcançou o telhado das casas nos últimos dias, ontem o cenário era de reconstrução em algumas áreas do bairro, muito lixo e entulho pelas ruas e um odor ruim muito forte. Máquinas da prefeitura faziam também limpezas no local.

Mas em pontos da Bruno Werner Storck, a primeira do bairro que alaga, a água já invadia novamente algumas residências e moradores deixavam o local.

A aposentada Salette Marilda Vargas, de 64, retirava de casa o que sobrou. “Só de pensar numa nova enchente eu já fico doente. É muito complicado. O negócio é tirar as coisas e pronto”, desabafou.

Sobre o risco de nova enchente no local em que mora há 36 anos, a dona de casa Clarinda Terezinha Oliveira Borges, 42, afirma que a situação é preocupante: “Se a água subir, nós vamos sair. Medo da água chegar aqui de novo. Nem sei explicar o sentimento.” A casa dela ficou destruída e ontem fazia a limpeza do que conseguia.

Outra moradora, a aposentada Maria de Lurdes, 63, diz que o “pouquinho” que ganhou já deixou empacotado e, se pudesse, não continuaria vivendo no local. “Estou com roupa que as pessoas tão me dando. Foi perdido praticamente tudo. Saímos às pressas. Estamos muito apavorados com essa nova cheia”, dasabafa.



Clarinda teme perder suas coisas novamente